



ISSN nº 2526-8031

Vol. 1, n. 3, Set-Dez. 2017

GESTÃO DA APRENDIZAGEM, PROATIVIDADE E AUTONOMIA DOS DISCENTES: NOVAS PRÁTICAS

Learning Management, Proactivity and Autonomy of the Students: New Practices

Gestión del Aprendizaje, Proactividad y Autonomía de los Estudiantes: Nuevas Prácticas

Aline Deanne Santana de Carvalho¹

Vinicius Istofel Oliveira²

Ana Carolina Batista de Souza Guedes³

José Lauro Martins^{4, 5}

RESUMO

Neste artigo propomos a reflexão sobre o processo de aprendizagem, tendo a relação docência-discência como ponto de partida para o entendimento de diversas questões relacionadas ao processo educativo, além do uso de metodologias ativas neste processo.

¹ Especialista em Gestão Ambiental pela Faculdade Suldamérica. Graduada em Ciências Biológicas pela Fundação Universidade Federal do Tocantins. E-mail: alinedeanne@uft.edu.br.

² Especialista em Gestão Pública pelo Instituto Tocantinense de Pós Graduação. Graduado em Tecnologia de Processamentos de Dados pela Fundação Universidade do Tocantins. E-mail: viniciusoliveira@ifto.edu.br.

³ Graduada em Medicina pela União das Faculdades Integradas do Tocantins (2006). Trabalha como médica ginecologista e obstetra da Secretaria Estadual de Saúde do Tocantins. E-mail: anacarolinarez@gmail.com.

⁴ Filósofo e doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho - Portugal. Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins-Brasil. E-mail: jlauro@mail.uft.edu.br.

⁵ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Tocantins; Curso de Jornalismo; Bloco bala II - sala 20; Campus de Palmas; Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14 Plano Diretor Norte | 77001-090 | Palmas/TO.

Como metodologia foi realizada a revisão de literatura com temas relacionados à autonomia, proatividade e construção de conhecimento. Nesse contexto, percebe-se que o aluno deve ser um gestor do seu conhecimento no processo de aprendizagem, e o professor um mediador; a aprendizagem será significativa quando docentes e discentes contribuírem, cada um exercendo seu papel, de forma efetiva e eficaz no processo educativo; o aluno é o responsável primário na construção do seu conhecimento, exercendo suas atividades de maneira autônoma e proativa.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia; Proatividade; Docência-Discência.

ABSTRACT

In this article we propose reflection on the learning process, having the teaching-learning relationship as a starting point for the understanding of various issues related to the educational process, in addition to the use of active methodologies in this process. As a methodology was conducted the revision of literature with themes related to autonomy, proactivity and knowledge construction. In this context, it is understood that the student must be a manager of his knowledge in the learning process, and the teacher a mediator; Learning will be significant when teachers and students contribute, each exercising their role in an effective and effective manner in the educational process; The student is the primary responsible in constructing his knowledge, exercising his activities autonomously and proactively.

KEYWORDS: Autonomy; Proactivity; Teaching-Learning.

RESUMEN

En este artículo proponemos la reflexión sobre el proceso de aprendizaje, teniendo la relación entre enseñanza y aprendizaje como punto de partida para la comprensión de diversas cuestiones relacionadas con el proceso educativo, además del uso de metodologías activas en este proceso. Como metodología se llevó a cabo la revisión de la literatura con temas relacionados con la autonomía, la proactividad y la construcción del conocimiento. En ese contexto, se entiende que el alumno debe ser un gestor de su conocimiento en el proceso de aprendizaje, y el profesor un mediador; El aprendizaje será significativo cuando los docentes y los estudiantes contribuyan, cada uno ejerciendo su



papel de manera efectiva y eficaz en el proceso educativo; El alumno es el responsable primario en la construcción de sus conocimientos, ejerciendo sus actividades de manera autónoma y proactiva.

PALABRAS CLAVE: Autonomía; Proactividad; Enseñanza-Aprendizaje.

Recebido em: 04.09.2017. Aceito em: 05.11.2017. Publicado em: 10.12.2017.

Introdução

A relação docência-informação-discência é o centro em todo processo educativo em qualquer tempo. O equilíbrio entre o que supõe necessário para a aprendizagem (recursos e informações) e condições sociais e dos aprendentes sinalizam a qualidade dos processos de ensino. Antes a escola era o santuário do conhecimento e o professor tinha um papel central na difusão das informações enciclopédicas. Porém, essas condições tornaram bem mais complexas com as tecnologias digitais possibilitando o acesso a informação em qualquer espaço.

O professor, orador por excelência, perde o púlpito e ganha o lugar de mediador no novo contexto. A docência ganha novos recursos e desafia à produção e o emprego de metodologias adequadas que otimize os trabalhos por meio das tecnologias digitais e promova a autonomia do educando para que o mesmo seja capaz de ter um olhar crítico, reflexivo diante

das diversas situações que serão apresentadas.

A postura mediadora do professor exige conhecimento sólido tanto do que deve ser ensinado como das metodologias para a promoção do conhecimento intelectual. A atitude de pesquisa do professor no processo de aprendizagem é de extrema importância e a construção de conhecimentos deve ser o foco no processo de aprendizagem. As redes de aprendizagem online contribuem ativamente para esse processo de construção de conhecimento e da autonomia no processo de aprendizagem.

O aprendente é ser ativo e pensante, capaz de produzir os conhecimentos de forma colaborativa. O professor torna-se a partir disso apenas um mediador.

A aprendizagem contribui para a compreensão de um processo

A aprendizagem em rede é a base da civilização humana. Conhecimentos que eram compartilhados de geração em

geração como na agricultura, nas ciências, nas técnicas medicinais através de plantas, o qual serve atualmente para criação de novos fármacos, são exemplos ainda utilizados, principalmente na cultura familiar. Hoje a aprendizagem não depende mais das informações dos anciãos para a maior parte da população porque o armazenamento e a distribuição das informações são suportados por recursos tecnológicos.

A internet, web, o próprio telefone, tornam o conhecimento algo acessível a grande parte da humanidade. A informação que antes era armazenada em pergaminhos, manuscritos ou mesmo na memória dos mais velhos, hoje se encontra disponível até em pequenos dispositivos tecnológicos portáteis. Baumeister (2005) destaca bem essa realidade:

Dentro de um ambiente universitário há muito a ser conectado em rede: por exemplo, dentro de um único curso, numa faculdade, dentro de um grupo de pesquisa e entre os acadêmicos, instituições ou empresas externas. Levando tudo isso em conta, torna-se evidente que o termo está carregado de significados e é por isso que seu uso raramente está livre de ambiguidades.

O termo "aprendizagem em rede" apareceu em meados da década de 70 com Ivan Illich, quando sugeriu que "nós poderemos abastecer o aluno com novos links para o mundo, ao invés de continuar a canalizar todos os programas de ensino através do professor" (2000, p. 73). Paulo Freire (2011, p. 79) diz: "Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

Podemos dizer que esse é o princípio fundamental para as redes de aprendizagem. Outro aspecto importante a destacar é que redes não dependem da existência das tecnologias digitais, mas as TDIC's eleva seu potencial de produção do conhecimento. George Siemens diz que, "Quanto melhor a qualidade da rede e conexões, melhor será o resultado da troca de conhecimento. Trabalhar na formação de redes eficazes é um desafio importante, tanto como é a utilização de redes para as nossas necessidades cognitivas" (SIEMENS, 2010, p. 21).

Segundo (GONZÁLEZ, 2010), o conexãoismo atesta que a aprendizagem

é um processo de criação de redes no qual o aluno não utiliza exclusivamente conhecimentos próprios, mas os conhecimentos que estão na rede da qual ele participa e, portanto, quanto melhor for a rede e a qualidade das conexões, melhor será o resultado do intercâmbio de conhecimento (GONZÁLEZ, 2010, p. XII). Reflete diretamente na qualidade didático-pedagógica na educação, evidenciando um desenvolvimento maior de competências. O discente não aprende a partir de um professor, mas através dele, orientado por ele.

Nas redes os sujeitos usam além dos próprios conhecimentos utilizam também informações que estão na rede em que ele faz parte, ou mesmo através do grupo em que está inserido. Assim como esclarece Pierre Lévy que o conhecimento não está nas "cabeças", mas presente em rede (LÉVY, 2007, p. 26). Defende que a aprendizagem está ligada a utilização de tecnologias de ensino, pois o aluno torna-se o construtor de seu próprio conhecimento e a internet é um

dos meios principais utilizados pela mediação de um professor.

Mesmo não sendo referência à teoria do Conectivismo como George Siemens, onde a premissa é a conexão dos alunos em experiências vividas e o aprendizado é compartilhado entre tais, Lévy se utiliza dos conceitos conectivistas evidenciando que o conhecimento não fica preso em uma sala de aula, a livros ou a conhecimentos engessados que o professor trazia, mas usa o meio externo para aprender coisas novas.

Para Pierre Lévy, não sou "eu" que sou inteligente, mas "eu" com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (LÉVY, 1993, p. 83). Ou seja, o conhecimento não é algo individual, mas faz parte de uma rede e deve haver uma troca de ideias, de pensamentos para se construir uma sociedade. Para Lévy, a inteligência coletiva deve ser compreendida aqui como na expressão "trabalhar em comum acordo" ou trabalhar juntos (LÉVY, 2007, p. 26).

É necessário, simultaneamente, favorecer a construção do conhecimento pelo aluno, mas que esse favorecimento seja permeado pela intenção de tornar esse aluno independente na busca desse conhecimento (PEIXOTO e CARVALHO, 2011).

Muitos indivíduos em situação de formação, não têm o seu potencial de aprendizagem atualizado, na medida em que carecem de pré-requisitos cognitivos básicos para obterem mais rendimento na aprendizagem e na formação, considerando que raramente são colocados em situações de reflexão e de pensamento crítico porque são frequentemente integrados em programas inadequados e ineficientes (FONSECA, 2009).

Nesse contexto o aluno deve ser um criador do saber e o professor um facilitador dessa aprendizagem, considerando o saber como algo dinâmico, transitório e totalmente diferente de pessoa para pessoa, na medida em que cada um já carrega

consigo um saber prévio transformado a partir de novas informações.

A autonomia é motivação intrínseca

O aluno autônomo é o grande responsável pelo seu aprendizado, esse aluno deve ter uma atitude de pesquisa, criar e resolver problemas, buscar informações para obtenção do conhecimento. Para Peixoto e Carvalho (2011), a autonomia deve ser compreendida enquanto um estado no qual o aluno assume de forma ativa o seu processo de aprendizagem, tornando-se responsável pela gestão, pela condução, pelo desenvolvimento e pela avaliação dessa aprendizagem.

A autonomia é um processo que deve ser encarado como dinâmico e atemporal. Seu domínio deve abranger todas as áreas, incluindo a pessoal e a social. Seu sucesso só se dará com a junção das tecnologias de ensino com os métodos de ensino que ainda estão ativos e isso tendo sempre o aluno como centro, vislumbrando assim a demanda

do mercado e o que realmente motiva o aluno como profissional (liberal ou não).

Estimular a atitude de pesquisa é o papel fundamental do professor. Ele se torna mediador capaz de identificar diferentes níveis de apropriação das informações e transfere esse conhecimento por meio da intermediação e da interação com seus colegas desenvolve senso crítico, busca, seleciona, organiza as informações, socializa os conhecimentos e as experiências. Essa nova realidade em construção faz presente no diálogo abaixo entre um professor e um aluno:

— Professor, gostaria de ter feito o trabalho como me pediu, mas descobri outra forma de fazer. Seu método estruturado de programação me fez refletir na demora que ia demandar na construção do aplicativo. Descobri que a orientação à objeto dessa linguagem iria me poupar tempo, e eu poderia reutilizar os objetos e métodos em outra parte do projeto.

— Então por que não utilizou desse conceito?

— Como o senhor não explicou, fiquei na dúvida se iria aceitar o meu trabalho feito dessa nova forma⁶.

Pode-se notar que houve um desentendimento pedagógico, talvez pela falta de comunicação do professor com seus alunos, ou o professor não criou estímulo suficiente para construção do conhecimento e a busca por novos recursos alternativos para a aprendizagem.

O professor deve incentivar o senso crítico, criar os canais de diálogos, mediar o aprendizado de forma natural, criando empatia entre as partes e motivando emocionalmente o aluno a participar e compartilhar novos conhecimentos.

Paulo Freire (1983) diz que “não cria aquele que impõe, nem aqueles que recebem; ambos se atrofiam e a Educação já não é mais Educação”. Guimarães (2003, p. 23) afirma que o discurso

⁶ Diálogo em uma sala de aula na disciplina de Desenvolvimento WEB do Módulo III do Curso Tecnológico em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia - Campus Palmas/TO.

docente imperativo enfraquece a autonomia, uma vez que não estimula o aluno a ir além do que é posto pela docência e pelo próprio material de estudos. Não incentiva a escolha, à tomada de decisões, tão pouco estabelece os objetivos e metas de aprendizagem.

Pedro Demo (2007) diz que a aula que repassa apenas conhecimento, ou a escola que se define apenas como socializadora de conhecimento, não sai do ponto de partida, e na prática, atrapalha o aluno porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento. O aluno não deve ser considerado objeto de ensino e instrução, e sim sujeito do processo de aprendizagem, este aluno não é apenas um receptor de informações, mas é sim capaz de criar e recriar conhecimento, na medida em que interage com seus colegas e com os recursos disponíveis para o aprendizado.

Vieira (1999) salienta que a pedagogia da autonomia seria qualquer abordagem pedagógica que vise uma

aproximação do aluno ao saber linguístico e ao processo de aprender, orientada para o reforço da sua responsabilidade e motivação, do seu papel pedagógico e do seu poder discursivo, e de um posicionamento crítico e estratégico face ao processo de ensino/ aprendizagem. Dessa forma valoriza o processo de aprendizagem ele aprende a aprender e se torna de fato responsável primário por sua aprendizagem. Este aluno controla a própria aprendizagem e se torna mais crítico quanto aos conteúdos, ao saber e a escola.

A proatividade converge para autonomia

A individualidade de cada aprendente apresenta-se em diferentes necessidades e potencialidades nos processos de aprendizagem. Essas diferenças podem tornar o aluno mais participativo e a proativo passa a ter maior relevância para garantir o pleno desenvolvimento da capacidade cognitiva.

A proatividade é uma das condições mais desejadas em um aluno. Ser proativo: é ser participativo, ser colaborativo, desempenhar as atividades propostas, ser capaz de identificar as oportunidades de aprendizagem bem como ter disciplina (MARTINS e SILVA, 2016).

A utilização de metodologias ativas eleva o potencial do aluno na construção de saberes que promovem sua autonomia, cabendo ao professor planejar e executar atividades interativas, de forma a obter o incremento máximo no processo de ensino e aprendizagem (BERBEL, 2011). Nessa construção do conhecimento todos ensinam e todos aprendem, deixando de lado a aprendizagem mecânica, com a mera transmissão de conteúdos e promove uma nova postura onde o aluno é o sujeito de uma educação emancipadora com responsabilidades igualmente divididas bem como o compromisso de facilitar o desenvolvimento de conhecimentos.

O professor atuando como facilitador na busca das informações pertinentes cria as possibilidades para a construção do conhecimento. Levando o aluno a assumir o controle, enfrentar as adversidades na aprendizagem e promove seu próprio desenvolvimento. Ao discente cabe planejar e executar com responsabilidade, autonomia, gerenciamento de tempo, dedicação, organização para que possa executar o que lhe foi confiado no prazo estabelecido (SOUSA e SILVA, 2011).

O docente é destituído, sempre que possível, do papel de centralizador para lugar de mediador. Não menos docente, é uma atualização de seu papel de acordo com contexto atual; a aprendizagem é o centro do processo e o ensino uma parte do contexto (MARTINS e SILVA, 2016). Assegura a necessidade do engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, essa é uma condição essencial para exercer autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia (BERBEL, 2011). Estabelecendo

ainda uma nova relação de poder em que os sujeitos se considerem parceiros na busca de objetivos comuns, implica refazer relações hierárquicas seculares, principalmente em se tratando de professores e alunos.

Considerações

Buscamos nessa reflexão identificar como o docente deve interagir e intermediar as aprendizagens para que o aluno perceba significados dos conhecimentos. Durante esse ínterim de assimilação o aluno aprenderá a ser um gestor do conhecimento e de sua aprendizagem, tendo o docente como ponte para esse desenvolvimento, pois sua expertise em metodologias educacionais irá ajudar a formar o aluno como autônomo, utilizando-se também de estratégias pedagógicas acumuladas durante sua vida de ensino.

Essa vida ou tempo de aprendizagem é, por muitas vezes, prejudicado pela atual gestão do ensino, baseada em memorização, que tenta preencher de conhecimentos engessados

o aluno, em vez provocar discussões para trabalhar o cognitivo e a criatividade como forma estratégica de ensino, "De mero retransmissor de saberes se torna formulador de problemas, provocando, coordenando equipes, sistematizando experiências, a memória da instituição ao longo da vida, tornando possível o diálogo entre as gerações" (BARBERO, 1996).

Mesmo com a ideia ainda impregnada na sociedade do ensino tradicional, há de se notar as inovações tecnológicas no campo do ensino-aprendizagem. Novos caminhos e possibilidades de ensino, ferramentas para um maior diálogo com alunos, seja por aula presencial ou à distância. Uma nova cultura sobre aprendizagem surge, quebrando paradigmas, tentando incentivar, criar, alimentar uma imaginação que já existe dentro do ser humano, como afirma Piaget (1997), mas que talvez, por motivos de ordem ou medo de perder o controle, esteja ainda sob controle, impedindo a socialização de conhecimentos e experiências.

O conteúdo é muito importante, porém devem ser revistas a finalidade e as metodologias na ministração desses conteúdos. Os alunos devem estar aptos a aprenderem e sobreviverem nesse emaranhado de informações; devem produzir problemas e, por conseguinte, as soluções.

Portanto, “ensinar não é a simples transmissão do conhecimento em torno do objeto ou do conteúdo. Transmissão que se faz muito mais através da pura descrição do conceito do objeto a ser mecanicamente memorizado pelos alunos” (FREIRE, 1992, p. 81).

É necessário fornecer ao aluno acesso aos conteúdos e concomitantemente buscar torná-lo independente na procura por conhecimento, é certo também que o aluno irá aprender aquilo que se aproxima mais de seu cotidiano, por isso não se deve deixar de levar em consideração a realidade de cada aluno presente no ambiente escolar.

Referências

BARBERO, J. M. Heredando el futuro. **Pensar la educación desde la comunicación**. Nómadas (Col), Bogotá, Colombia, n. 5, p. 14, 1996. ISSN 0121-7550. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105118998002>.

BAUMEISTER, H.-P. **Networked Learning in the Knowledge Economy - A Systemic Challenge for Universities**. EURODL - European Journal of Open, Distance and E-learning, Budapest, 2005. ISSN 1027-5207. Disponível em: <http://www.eurodl.org/materials/contrib/2005/Baumeister.htm>.

BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. ISSN 1679-0383.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 10^a. ed. São Paulo: Educar pela Pesquisa, 2007. 160 p. ISBN 9788585701215/1518-8345.



ISSN nº 2526-8031

Vol. 1, n. 3, Set-Dez. 2017

FONSECA, V. D. **APRENDER A REAPRENDER: A EDUCABILIDADE COGNITIVA DO SÉCULO XXI.**

Perspectivas Online, v. 3, n. 11, 2009. ISSN 1982-5501. Disponível em: http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/revista_antiga/article/view/390/301.

FREIRE, P. **Extensão Ou Comunicação?**

Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz E Terra, v. 24, 1983. ISBN 9788577531813.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança.** Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1992. 245 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 50ª. ed. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 2011. 184 p. ISBN 9788577531646.

GONZÁLEZ, F. S. **La era conectiva: por el desorden natural de los artefactos y nodos** In G. Siemens, Conociendo el conocimiento (D. V. Emilio Quintana, Trans., pp. i-xv). [S.l.]: Nodos Ele, 2010.

GUIMARÃES, S. É. R. **Avaliação do estilo motivacional do professor : adaptação e validação de um instrumento.**

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 12. 2003.

ILLICH, I.; BOYARS, M. **Deschooling society.** [S.l.]: Marion Boyars Publishers, 2000. 150 p.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1993. 208 p. ISBN 8585490152/978-8585490157.

LÉVY, P. **A Inteligencia Coletiva Por uma antropologia do cyberspaco.** 5ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 212 p. ISBN 978-85-15-01613-6.

MARTINS, J. L.; SILVA, B. **Narrativas da Dependência nas Redes de Aprendizagem Online: Como os Professores Usam as Redes de Aprendizagem para Promover a Autonomia.** HOLOS, Natal, v. 1, p. 16-30, fev. 2016. ISSN 1807-1600. Disponível em:



ISSN nº 2526-8031

Vol. 1, n. 3, Set-Dez. 2017

<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4002>.

MARTINS, J. L.; SILVA, B. D. **Implicações da autonomia na gestão da aprendizagem em ambiente virtual**. HOLOS, v. 8, 2016. ISSN 1807.1600.

PEIXOTO, J.; CARVALHO, R. M. A. **Autonomia do aluno no Ensino Superior a Distância**. Colabor@, Porto Alegre, v. 7, n. 26, p. 9, 2011. ISSN 1519-8529.

PIAGET, J. **Development and learning**. In M. Gauvain & G. M. Cole (Ed.) Readings on the development of children. CEPA, Ithaca, n. 2, p. 19-28, 1997. Disponível em: <http://cepa.info/3043>.

SIEMENS, G. **Conociendo el conocimiento**. Tradução de David Vidal, Lola Torres y Emilio Quintana. [S.l.]: Ediciones Nodos Ele, 2010. xx + 160 p. ISBN 978-90-815937-1-7.

SOUSA, S. C. D.; SILVA, H. M. D. C. D. E. **Pensando a educação à distância**. Lugares de Educação, Bananeiras, v. 1, n. 2, p. 189-203, jul. dez. 2011. ISSN 2237-1451. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>.

VIEIRA, F. **Pedagogia da dependência e pedagogia para a autonomia Introdução a dois modos distintos de ensinar e aprender (uma língua) em contexto escolar**. EUROPAL, Braga, n. Cadernos 1, 1999. 1-4. Disponível em: <http://www.europal.net/GetResource?id=144>.